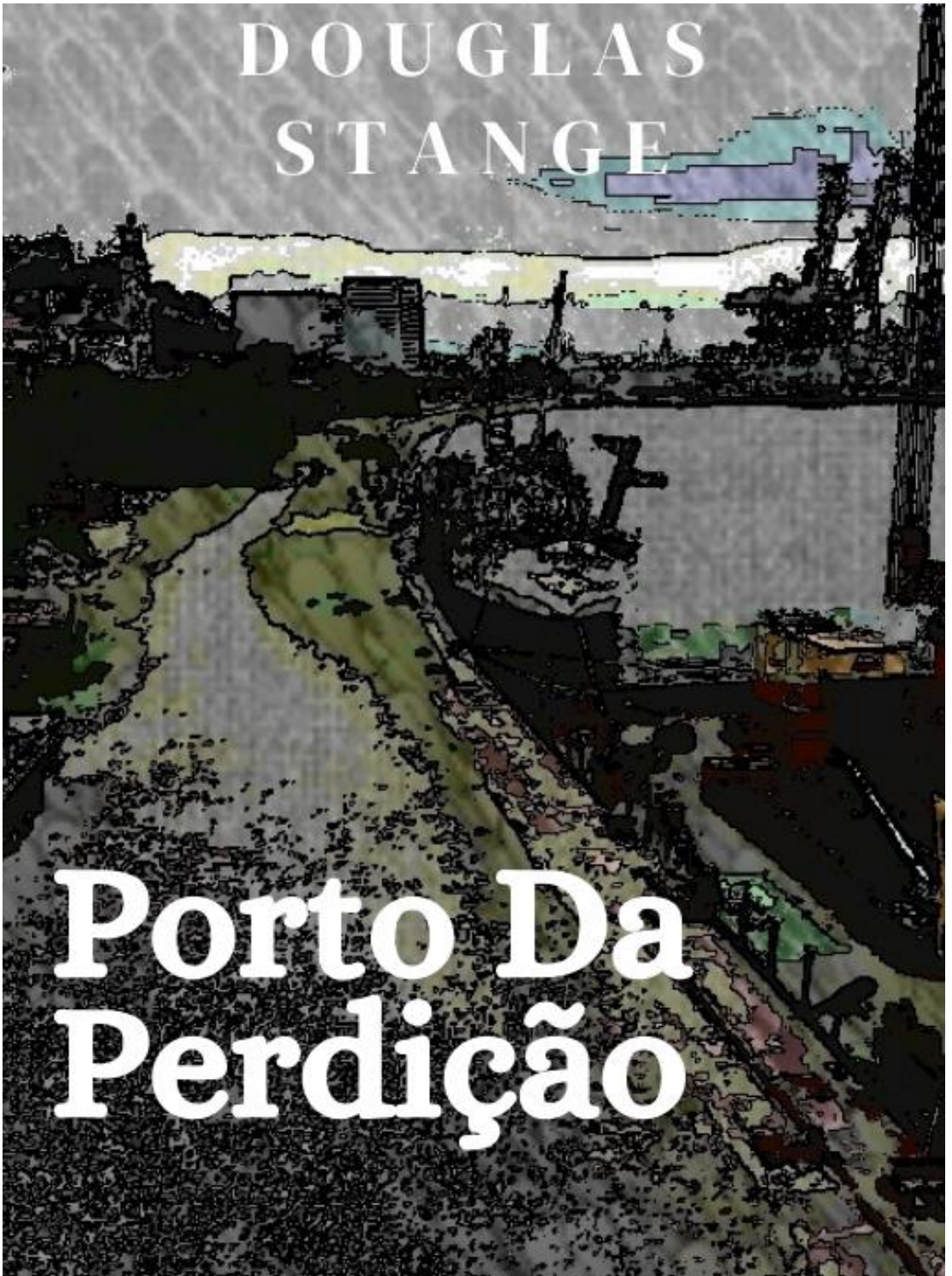

DOUGLAS
STANGE
Porto Da
Perdição

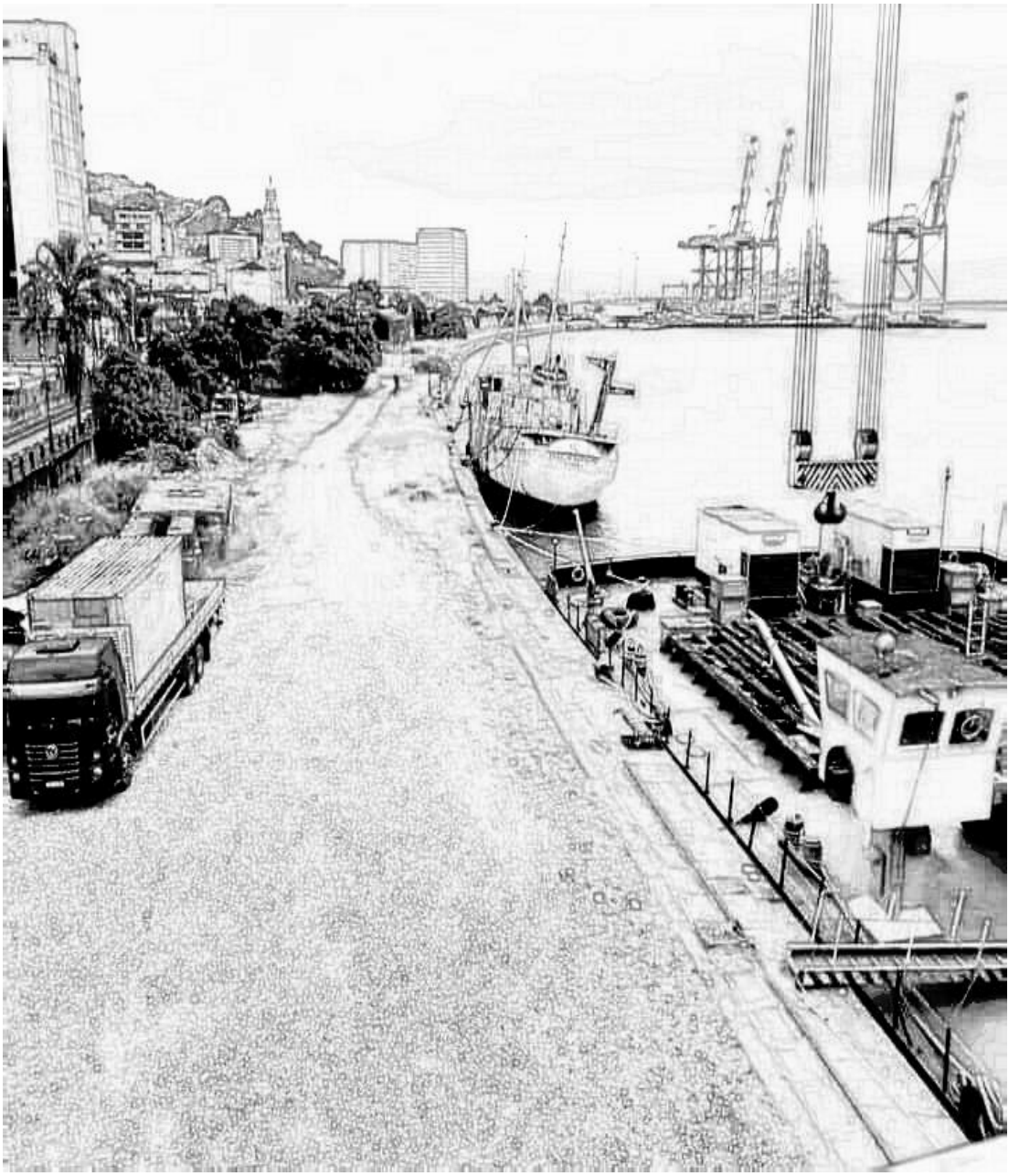


DOUGLAS
STANGE



# Porto Da Perdição

**Segunda edição, 2.023**



*Dedico este trabalho a todo o povo brasileiro, especialmente aos brasileiros que ousam sonhar e ignorar crenças limitadoras.*
*Aos brasileiros que tem visão e não tem medo.*
*Aos que ignoram todos os rótulos e seguem em frente.*

Douglas Stange
Santos – SP
Julho de 2.020

## PREFÁCIO A EDIÇÃO ATUALIZADA

*"Hoje começo a contar uma estória. Que poderia muito bem ser uma história. A estória de uma vida, ou melhor, parte dela. A mais relevante. Uma estória que poderia ter acontecido comigo, com você, com alguma pessoa próxima; mas aqui acontece com um personagem fictício. Aliás, todos os são. Talvez algumas das circunstâncias da trama não sejam fictícias. O cenário, certamente não é, talvez seja exagerado.*

*E qual o propósito em contar essa estória? Mostrar algo, algumas lições de vida. Retratar o Brasil e o mundo em tempos recentes (ou nem tanto) e como o ser humano pode reagir diante de circunstâncias idênticas, ou como cria as mesmas em alguns casos.*

*Todos os nomes aqui citados não possuem conexões com pessoas reais. Quaisquer semelhanças serão mera coincidência."*

Assim comecei esta obra em 2.020. Em meio a pandemia, que na onda do "fique em casa" despertou um "ócio criativo" sobre esta estória que estava na minha "gaveta mental" desde 2.017.

Passaram- se 3 anos. Muita água passou por debaixo desta ponte e de muitas outras. Sem entrar em detalhes, resolvi revisar e relançar a obra. Já tenho outra em andamento, "Porto do Reencontro", que tem ligação com esta trama, mas não é necessariamente uma continuação. Aguardem e confiram novidades para breve.

Inicialmente comecei publicando na forma de "folhetim", com um capítulo por semana no LinkedIn. A estória foi ganhando forma e até hoje pergunto-me de onde tirei tanta imaginação...

Escrever sempre foi um grande prazer para mim. Aliás, inventar estórias. Minhas redações sempre chamavam a atenção na escola. Na pré-adolescência e no início da adolescência, meu passatempo era fazer histórias em quadrinhos. Nunca fui um bom desenhista, no entanto, o grande barato estava na criação. Na criação dos personagens. Na criação das tramas, que quase sempre era de improviso, sem roteiro; de modo que muita coisa ficava "sem pé nem cabeça". Junte se a isso minha falta de talento natural para desenho e chegue a um quadro de desânimo e ceticismo. Minhas H.Q.'S apresentavam traço tosco e histórias sem pé nem cabeça. Muitos dos meus "colegas" além de desenhar melhor do que eu ainda criava histórias com um mínimo de nexo; exatamente o contrário das minhas.

Vendo hoje muitos dos desenhos animados modernos, o que se tem? TRAÇOS TOSCOS E HISTÓRIAS SEM LÁ MUITO NEXO, PURO NONSENSE, NO MÍNIMO! Ou seja, *eu estava muito à frente do meu tempo!* E nem desconfiava...

Por isso insisto. Minhas histórias ficaram muito tempo engavetadas e agora resolvi despertar estes "monstros". Terei sucesso? Ninguém sabe. Vale a pena? Com certeza. Se tem algo que aprendi como passado é *confiar naquilo que se faz, nas próprias ideias, por mais absurdas que pareçam.*

NEVER SAY DIE, já dizia o Black Sabbath.

Agora estamos aqui reeditando a obra. Faremos uma revisão meramente gramatical, corrigindo os erros que descobri na edição original; mas sem mexer no cerne da estória, afinal. Isso não faria o menor sentido!

Espero que se alguém chegar a ler, tenha pelo menos alguns momentos prazerosos com a leitura e – pretensão a parte – consiga aprender algo com ela.

A **estória**, que poderia perfeitamente ser uma **história,** de um brasileiro comum que teve a audácia de sair de lugares comuns, ignorar crenças limitadoras e correr atrás de seus sonhos. O que, aliás, todos nós deveríamos fazer. Conhecem aquela máxima "o Universo providencia"? Então. "quero escrever um best seller", "quero ser reconhecido". O *modus operandi* é com o Universo.

No caso do nosso protagonista, ele não *apenas acreditou e pôs a mão na massa como* ***inovou, diferenciou-se, procurou algo totalmente diferente da concorrência que já havia.***

É o que em Microeconomia chamamos de "Concorrência Monopolística". Contraditório, não? Se está em "concorrência" como pode ser "monopolística"? Se é "monopolística" como pode ser "concorrência".

Pense no seguinte: uma grande cadeia de fast food e o carrinho do tio da esquina. São concorrentes? Sim e não. Ambos vendem lanche. Porém só o tio da esquina tem o lanche com aquele jeito de "tio da esquina", e só a rede de fast food tem o lanche do seu próprio jeito. Além disso nenhum deles vende apenas "lanches". Cada um, além de ter o lanche diferenciado do outro, também tem um "pacote" totalmente

diferente um do outro. Cada um tem seu próprio ambiente. Na rede de fast food o cliente raramente será chamado pelo nome, no carrinho do tio da esquina é possível que quem faz e serve o lanche te conheça pessoalmente e te chame pelo nome. E por aí vai. Ou seja, direta ou indiretamente eles são concorrentes. Concorrem no mercado de lanches, porém cada um tem o seu diferenciado. Além disso, cada um tem o seu ”pacote” diferente um do outro. Ou seja, cada um tem o “monopólio” do seu pacote.

São, direta ou indiretamente concorrentes; porém cada um detém um monopólio. Simples, mas não fácil; ou vice-versa, não é?

*Ah, então isso é um livro de Economia e Negócios?*

Também. Principalmente é uma obra de ficção. Porém, não apenas com a intenção de entreter, bem como de passar algum ensinamento, ou vários. Como minha formação acadêmica é em Economia e Gestão Empresarial...

Voltando ao nosso protagonista (spoiler de leve): além de diferenciação e inovação ele também *enxergava além no tempo e no espaço e estava a frente de seu tempo.*

Tentando simplificar: “*enxergava além no tempo e no espaço”:* **pensava a médio e longo prazo, além de onde a vista alcança; além de sua rua, seu bairro, sua cidade.** *"Estava à frente de seu tempo”:* antecipou- se a concorrência explorando que a mesma viria a atender tempos depois.

Outra analogia: você participa de um *rally* de São Paulo a Porto Alegre, lidera a competição até Curitiba, onde aparece um concorrente um pouco a sua frente. Ele trapaceou? No caso sim, mas no mundo dos negócios, sabe como é...

De fato, ele tem uma vantagem, isso é garantia de que vencerá? Não necessariamente. Se você está uma pilotando Ferrari e o trapaceiro um fusquinha...

O problema é se for o contrário.

Agora a pouco eu disse que eu mesmo estava a frente do meu tempo no que dizia respeito as minhas H.Q.'S; entretanto por ser na época um pré-adolescente inocente, puro e besta; nem procurei saber que carro eu pilotava nesse rally.

Esperamos, antes de tudo, que o caro leitor entenda o que nos propomos a levar a público. Além disso, também consiga o digníssimo leitor tirar uma ou vária lições; pretensão a parte.

E assim levamos a público nossa versão revisada do "Porto da Perdição".

*Douglas Stange*

*Santos – SP, 08 de maio de 2.023*

## Capítulo 1

### Wall Street, Nova Iorque, meados de 2007

Aqui está ele. Como poderia ter chegado tão longe? Nem ele mesmo poderia prever, explicar sim, mas prever, jamais. Justo ele; o peixeiro, o quase favelado, o macuqueiro. Mais um brasileiro que tinha tudo para dar errado, mas ousou contrariar as estatísticas. Quantos companheiros de infância e juventude ficaram pelo caminho? Quantos perderam-se no crime? Quantos, apesar de manterem-se íntegros e trabalhadores, permaneceram naquele destino que parece irremediavelmente destinado aos brasileiros com origens comuns à sua? Destino esse que, mesmo que sem saber ao certo no início, ele ousou desafiar e negar. E pensar que tudo começara meio que por acaso.

Mario Bentes, vulgo Marinho. Um típico nativo da Bacia do Macuco. Filho, neto, sobrinho, irmão de pequenos vendedores de pescados. Alguém predestinado a acabar os dias limpando peixe e camarão, numa barraca de rua em condições duvidosas de higiene. Tal qual seus ancestrais mais próximos, até porque, dos menos próximos, quase nada se sabia. Moleque criado de pés no chão, instruído em escola pública, educado pela vida. Poderia ter sido mais um a cair na tentação do dinheiro fácil (ou nem tanto), dos golpes, dos furtos. Poderia ter torando-se um toxicômano. Ou simplesmente seguido honestamente o destino de seus parentes na barraca de peixe. Talvez, dedicado se mais aos estudos e arrumando um emprego nas Docas ou na Cosipa, ou abraçado a carreira militar. Ou enveredado se pelo Setor Público.

Entretanto, Marinho pensava grande, ainda que meio inconscientemente no início. Com a perda do pai na adolescência, viu-se junto com o irmão mais velho, Adalberto (vulgo Betinho) em maus lençóis. A barraca de peixe "devagar". Dívidas de jogo. O cenário perfeito para o fracasso. Porém, os irmãos conseguiram superar tudo. Quando tudo parecia resolvido, veio a morte da mãe. A vizinhança comentava que a vida dos irmãos Bentes parecia mais uma novela mexicana. Mas os dois seguiram firme. Levantaram-se, sacudiram a poeira e deram a volta por cima.

Marinho estava sempre um passo à frente dos demais. Devido a uma dificuldade que as famílias se encontravam para comprar carne bovina em um determinado momento, ele enxergou uma oportunidade: entrega de pescados a domicilio. Peixe fresco, limpo e pronto para ir para a panela, entregue na porta de casa. E a preço acessível. Marinho adquiriu uma velha bicicleta e uma caixa de isopor. Levantava de madrugada, antes do sol raiar; primeiro comprava gelo, abastecia a caixa com pescado adquirido e preparado no dia anterior e ia à luta. Dois anos trabalhando de sol a sol; sem folgas, de segunda a segunda; sábado, domingos e feriados eram dias como outros quaisquer. Nesse período, trocou a bicicleta por um triciclo equipado com uma caixa térmica maior; mais um ano e um segundo triciclo, "pilotado" por um primo; mais dois anos, um furgão refrigerado. Em pouco tempo, a primeira peixaria e uma pequena frota de veículos climatizados. Além das famílias do Macuco e adjacências; Marinho atendia a restaurantes, hotéis, navios. Empregava parentes, amigos e logo tornou-se o maior empregador do bairro. Com a rede de contatos que tinha no mercado,

foi ampliando cada vez mais seus negócios. Logo vieram fábricas de gelo, armazéns, seus próprios barcos de pesca. Vinte anos após dar as primeiras pedaladas, Marinho tinha construído um império que o colocava entre os homens mais ricos do Brasil.

E o peixeiro da Bacia agora adentrava a Bolsa de Valores de Nova Iorque, elegantemente embalado em um terno Armani e sapatos italianos de 500 dólares. Muito pouco diferenciado dos senhores que costumavam circular diariamente por aquele recinto. Dois anos antes, sua *holding* abrira o capital na Bolsa de Valores brasileira; porém o sucesso levou Marinho e suas empresas a Wall Street. Marinho tinha um "Toque de Midas". Começou duas décadas atrás em cima de uma bicicleta, com dificuldades de equilibrar uma caixa de isopor cheia de peixe e gelo. Agora dirigia uma companhia de pesca, uma transportadora, estaleiros, armazéns; criava ostras, mexilhões e camarões em cativeiros, com a mais alta tecnologia disponível no ramo. Seu Toque de Midas atraia investidores do mundo inteiro. E agora, Marinho da Bacia badalava um sino na tribuna principal da Bolsa de Nova Iorque, anunciando o lançamento das ações de sua *holding* para o mundo.

O céu parecia o limite. Porém, repentinamente o limite tornou-se na realidade, o inferno! Ou assim lhe pareceu.

Aparências. Marinho Bentes causava as melhores. A comovente história do *self made man*, do típico brasileiro de classe baixa que venceu na vida, impressionava a muitos. O garoto que veio praticamente da favela, que largou os estudos na mais tenra idade para limpar peixe e camarão,

que transitava pelas ruas de um dos bairros mais carentes de sua cidade oferecendo peixe de porta em porta; agora estampava revistas de negócios e variedades. Circulava pelos salões da mais alta sociedade do país e do exterior. Próximo de figuras de destaque nos meios políticos e econômico, nacional e internacional. Tornou-se um formador de opinião. Casado com uma bela mulher oriunda da tradicional sociedade, de uma respeitável família de corretores de café. Com filhos que apareciam com frequência em colunas sociais e programas de televisão; alguns dos partidos mais disputados no jet set nacional e internacional. Aparentemente, Marinho tinha uma vida perfeita. Aparentemente.

**Bacia do Macuco, Santos – SP, meados da década de 80**

- Calor desgraçado!

- Só, mano!

O calendário acabara de marcar o início do outono, porém o Sol ignorava esse fato; na prática aquele tórrido verão prolonga-se insistentemente. A Bacia do Macuco, próxima ao cais santista exalava aquele seu aroma típico; aquela mistura de maresia, peixe podre, soja fermentada e enxofre; mistura essa temperada pela fumaça dos caminhões que passavam do cais para a cidade e vice-versa. Cada sombra disputada a tapa. Esse era o ambiente de trabalho dos irmãos Bentes; Betinho e Marinho. Proprietários de tradicional barraca de pescados, recém herdada do pai recém falecido.

Os negócios andavam devagar. Concorrência com o Mercado de Peixes da Ponta da Praia e com os supermercados. Um plano econômico recentemente lançado pelo governo aumentará o poder aquisitivo da

população, que agora consumia carne bovina como nunca antes na história desse país. O peixe tornara-se uma opção menos nobre.

- Betinho, com esse tempo não tem gelo que chegue. Vamo acabar perdendo mercadoria!

- Que tu quer que eu faça, mano? O Mercado da Ponta, os supermercado, a carne mais barata...

- Tem que ter um jeito, sei lá! Tem aquele velho ditado, se Daomé não vai na montanha, a montanha vai a Daomé; ou coisa parecida.

- Que tu quer dizer, moleque?

- Sei lá, se a gente entregasse os peixes já limpos e cortados de porta em porta?

- Pra se pensar isso!

Incrivelmente, o diálogo foi interrompido por um dos poucos fregueses que procuravam a barraca dos Bentes naqueles tempos.

Do outro lado da cidade, na praia do Gonzaga; um jovem casal aproveitava aquele dia, porém as reclamações em relação ao calor eram quase as mesmas dos irmãos Bentes.

- Que decadência essa praia! Pensar que já estive em Ipanema, Porto Seguro e até em Cancun! Se pelo menos fosse no Guarujá...

- Calma, minha gatinha manhosa! A casa do velho lá no condomínio tá quase pronta. E poderia ser pior sabia? Sabe que dia é hoje? Quarta feira! Tá cheio de gente trabalhando, até mesmo na rua, debaixo desse sol. Pelo menos a gente tá curtindo.

- Será que seu pai não vai "encanar" com isso. Tipo, ficar vagabundeando em uma quarta feira...

- Não esquenta não, princesa! Quem trabalha não tem tempo de ser gente. Dá um beijinho aqui!

Em breve esse casal encontrará com Marinho Bentes; o que irá mudar radicalmente a vida de todos.

## Capítulo 2

### Bacia do Macuco, Santos-SP, meados dos anos 80

Juninho Ferraz e Carol Carvalho Fontes. Figurinhas fáceis nas colunas sociais da Baixada Santista. Se naquela época existissem emissoras de TV regionais e programas de socialites, seus rostos apareceriam facilmente nos mesmos. Ambos sonhavam em aparecer nos Programas Amauri Junior da vida, porém, para o restante do mundo, ainda eram desconhecidos.

Ele, Felipe Ferraz Junior, playboy; filho do Deputado Felipe Ferraz; de tradicional família do ramo de negócios portuários, agora envolvidos em política. Juninho planejava candidatar-se a vereador no próximo pleito, e quem sabe ir mais longe que o pai. Palácio do Planalto? Quem sabe. Por hora, sua atenção dirigia-se a carrões, iates, drogas lícitas e ilícitas, colunismo social, mulheres. Esse era seu ponto fraco, as mulheres. Carol era sua favorita, a titular. Mas um bom time tem que ter bons reservas. Ou melhor, BOAS reservas. E as mesmas não faltavam, fosse por interesse material, social ou mesmo afetivo.

Ela, Ana Carolina Carvalho Fontes; filha de Marcílio Fontes e Elizabeth Carvalho; oriundos de duas das mais tradicionais famílias santistas, outrora magnatas do comercio cafeeiro, hoje falidos. Típicos socialites falidos. Perderam quase tudo, menos o glamour. Preferia ser chamada de Carol e não fazia muita questão de ostentar os sobrenomes pomposos. Achava ridícula a atitude dos pais. As vezes considerava o universo que a cercava fútil e preocupava-se com questões sociais.

Pensava em realizar trabalhos voluntários e até mesmo em fazer faculdade de Serviço Social.

Juninho e Carol namoravam a mais ou menos um ano. Ele, 19 anos, ela 17. A casa do Deputado Ferraz em um condomínio fechado no Guarujá finalmente ficara pronta. Para lá dirigiam-se para o fim de semana e por algum motivo, Juninho resolveu evitar a avenida da praia e ir pelo cais; pelo miolo da cidade de Santos, passando pela Bacia do Macuco. Um caminho meio sem sentido, mas Juninho dizia que era para "combater o tédio".

- Amor, não acha esse lugar meio perigoso. Não quero ser preconceituosa, mas, sei lá...

- Relaxa, princesa –respondeu Juninho, tomando mais um generoso gole de whisky direto no gargalo, de uma garrafa importada – lembra quem é meu pai? Então, se alguém aqui mexer comigo ou com um dos meus, já sabe, né?

- Juninho, não acha que bebeu demais, ainda tem a balsa e de lá pro condomínio ainda tem chão...

- *Take it easy, baby!*

O casal seguiu, quando se aproximaram da barraca de pescados dos Bentes, onde Marinho aguardava a freguesia, entediado.

- Princesa, tá vendo esse peixeiro aí? – indagou Juninho, com um sorriso sarcástico.

- O que tem ele?